

MUSEU DA REGIÃO FLAVIENSE

As Termas de Chaves

Breve apontamento histórico

Jorge Leite

17-09-2007



[Breve apontamento histórico das Termas de Chaves desde as suas origens até à actualidade.]

Breve apontamento histórico sobre as termas de Chaves

A conquista da Gallaecia por Roma e a sua subsequente colonização constituíram um fenómeno primordial que determinará o sentido de vida e cultura no Norte de Portugal e Galícia. A romanização da Gallaecia significou principalmente, por um lado a integração da magna cultura romana e por outro a expansão do cristianismo.

A água, elemento natural e fulcral da paisagem na Gallaecia, projecta-se ao longo da sua história como uma força sobrenatural, como desígnio da força divina da criação do mundo, a tal ponto que às águas quentes lhes eram atribuídos poderes curativos mágicos, divinizados como um dom fecundativo dos deuses mitológicos.

A existência de água quente que emanava de uma forma natural e espontânea proporcionou o estabelecimento da legião VII Gémina e a fundação do município romano de Aquae Flaviae, no local onde hoje se situa a cidade de Chaves.

Onde os romanos se fixavam, construíam banhos públicos (*Thermae*) para asseio, recobro e deleite dos seus exércitos. Estes locais eram importantes centros de reunião e convívio onde se discutia política, economia, estratégia militar e religião. Assim nasceram as Termas de Chaves, que conheceram o seu apogeu durante o período da dominação romana. Após as invasões suevas as termas foram praticamente arrasadas e votadas ao ostracismo. Declínio este que perdurou durante toda a idade média, época pouco propícia aos prazeres aquáticos mais ligada à limpeza da alma e a guerras constantes em nome de uma nova religião que assim o exigia. A água passou a ser utilizada pela população local para usos domésticos intra-muros.

Voltamos a ter constância delas durante as guerras da restauração da Independência Nacional (entre 1658-1667), quando o então militar da Praça-Forte de Chaves, Conde de Mesquitela, mandou demolir a novamente existente casa dos banhos para ela não cortar o fogo da artilharia que então provinha da parada do quartel velho sediado na envolvente da praça da torre de menagem do castelo. Esta situação levou a que os doentes mais abastados se deslocassem para outras termas, nomeadamente as de Ledesma em Salamanca (Espanha), e os mais pobres fizessem covas no chão para aí se banharem com água quente, como é referido por Fonseca Henriques, médico do Rei D. João V.

Em 1696 temos notícia, no Campo do Tabolado, da existência de uma casa onde se tomavam banhos. Em 1807 começou a ser construída uma fonte do mergulho em pedra e fechada com portão de ferro para uso exclusivo dos militares da Praça-forte.

Com o dealbar da revolução industrial e o aprofundamento da investigação científica, as análises às águas começaram a ser uma realidade que lhes veio transformar por completo a sua composição química e mineralógica. Em vez de sulfúreas, as águas quentes de Chaves, foram caracterizadas de bicarbonatadas sódicas, mesomineralizadas, gasocarbónicas e comparadas às de Vichy, as termas da moda na Europa de então.

Este volte face científico originou uma corrida às termas em toda a parte. Construíram-se balneários e buvetes grandiosas revestidas a mármore e materiais nobres. Em Chaves, José Homem de Sousa Pizarro, então Presidente da Câmara, após conhecer a análise química das águas mandou fazer em 1890 ao lado da fonte que já existia, uma outra a céu aberto envolta

com um gradeamento de ferro com uma abertura por onde se introduzia um pequeno púcaro de lata com haste comprida com o qual se retirava água quente que fumegava intensamente, chamada “Fonte do Gradeamento”. Outro pequeno poço coexistia paralelamente com estas duas fontes, mas servia essencialmente para depenar galinhas.

As Águas de Chaves sempre foram consideradas como propriedade do povo do Concelho, eram serventia de toda a gente, quer fosse nas nascentes quer fosse nas casas particulares, pelo que nunca tiveram exploração comercial.

Em 1934, o então Presidente da Câmara Dr. Artur de Almeida Carvalho, mandou construir sobre o “Poço do Gradeamento”, uma buvete com colunas de pedra ao gosto romano, donde a água já era retirada para beber por uma pequena bomba manual. Não havia médico privativo nem captação de água pelo que os banhos davam-se sem controlo.

Em 1945, a Câmara Municipal de Chaves estabeleceu um contrato para dirigir, pela primeira vez, a Estância Hidrológica de Chaves. Mário Gonçalves Carneiro, médico hidrologista, distingue-se, então, na qualidade de director clínico, cargo que manteve até 2004, data em que se consumou a sua reforma.

Cândido Sotto Mayor, proeminente banqueiro, natural de Lebução, localidade próxima de Chaves, fundou em 1949 uma sociedade através da qual comprou os direitos de exploração das Águas das Caldas de Chaves e os terrenos envolventes, com a obrigação de proceder à captação de água na rocha e de desenvolver todo o complexo termal. A buvete das colunas à romana foi destruída para dar lugar à construção de uma grande ensecadeira que pôs a descoberto a rocha fracturada de onde emanava a água hipertermal. No mesmo local foi construída a actual buvete e nas cercanias um balneário provisório, utilizado durante cerca de vinte anos, enquanto se planeava a construção do definitivo balneário que não chegou a ser concretizado.

Seria pela influência do Eng.º de Inspecção de Águas, Abílio Vicente, e com a ajuda do Estado, que a concessão das águas voltou para a posse da Câmara Municipal, tendo providenciado a construção de um novo e grande balneário, aberto ao público em 1972. Rapidamente se chegou à conclusão que as instalações eram demasiado pequenas para tão grande afluência de aquistas. Assim, sob a égide camarária de Alexandre Chaves, foi feita uma ampliação construindo-se um novo balneário anexo ao já existente.

Com a viragem do milénio novas formas de exploração comercial e turística se tornaram necessárias para dinamizar e modernizar os balneários termais.

Sob o lema “Tradição e Modernidade no caminho da Excelência”, e na gestão do actual executivo camarário, liderado pelo Presidente João Gonçalves Martins Batista, foi dado um dos maiores impulsos na dinamização e modernização das instalações termais. As termas de Chaves dispõem actualmente de um moderno e sofisticado balneário, com instalações para diagnóstico, salas de ginástica médica, tanques-piscinas individuais, equipamentos para banhos carbogassos, duches de jacto, circulares e aquáticos. Possui também instalações e equipamentos para fisioterapia e massagens diversas.

A região tem, nas suas Termas, um sólido pilar de desenvolvimento turístico, tendo sido distinguidas por três anos consecutivos com o Prémio Inatel para a melhor “*Unidade Termal*”. Constituem pela importância adquirida ao longo dos tempos, um pólo prioritário de promoção contribuindo, em larga escala, para as mais de 120 mil dormidas por ano.

A cidade de Chaves da actualidade assenta em três modelos básicos, a saber:

CIDADE TERMAL – Porque reúne um conjunto de estabelecimentos Hoteleiros, Hospitalar e Termal, com um moderníssimo Balneário, considerado a nível europeu.

CIDADE COMERCIAL – Porque disponibiliza actualmente cerca de 1400 camas, entre hotéis, residenciais e casas de turismo rural. Para além do alojamento, sobressai a gastronomia típica flaviense que, num conjunto de iguarias várias (presunto, pastéis de chaves, folar, enchidos, entre outros) contribui para a existência de mais de 100 unidades de restauração no concelho.

CIDADE MONUMENTAL – Porque permite aos visitantes aliar a beleza das paisagens dos seus parques e jardins com os passeios saudáveis admirando as belezas monumentais que caracterizam uma cidade histórica.

Apostar na diversificação de serviços, potenciando a vertente lazer com a inclusão do conceito SPA, chamando a si os utentes das faixas etárias mais jovens conferem às Termas de Chaves o arrojo e a inovação que as caracterizaram ao longo da sua história.

Bibliografia:

CARNEIRO, Mário Gonçalves – *A Magia de Aquae Flaviae*. Chaves. Ed. Cooperativa de Actividades Artísticas, C.R.L.. 1999

Revista Aquae Flaviae. Júlio Montalvão Machado, dir. Chaves: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 1989, 2,7, 25 vol. ISSN 0871-4061.